

# O DISCURSO DA REFLEXÃO EM *O AMANUENSE* *BELMIRO*

Cristina Ferreira Gonçalves Padilha\*

## Resumo

O presente trabalho visa uma possibilidade de análise interpretativa da obra literária *O Amanuense Belmiro*, publicada em 1937, de autoria de Ciro dos Anjos, escritor mineiro. O objetivo deste estudo é verificar como o autor trabalha na ficção as questões vigentes na sociedade brasileira durante a década de 1930, e como seu trabalho destaca criticamente a reflexão como elemento importante num período em que a sociedade busca soluções utópicas imediatas.

Palavras-Chave: Década de 1930. Reflexão. Sociedade.

## INTRODUÇÃO

A ideia de elaboração deste trabalho surgiu a partir das diversas discussões levantadas em sala de aula (em curso ministrado aos alunos de Pós-Graduação da Universidade Federal Fluminense intitulado “Intelectuais, literatura e impasses nos romances de 30”) acerca do trabalho intelectual de Ciro dos Anjos e as diversas críticas sofridas pelo autor no período de publicação de suas obras.

O objetivo desta produção é verificar como o escritor trabalha na ficção as questões vigentes na sociedade brasileira e a importância da reflexão num período de discussões tão acaloradas como a década de 1930. Para o alcance de tal objetivo, este estudo será baseado em fontes teóricas de críticos que discutem acerca da relação existente entre a literatura e a sociedade brasileira no período em questão, e que buscam refletir a respeito da posição que o intelectual ocupa neste panorama cultural.

Nascido em Montes Claros, Minas Gerais, Ciro dos Anjos é considerado um dos grandes representantes da literatura brasileira. Embora seu trabalho não tenha tido o reconhecimento merecido na época de sua publicação, pelo fato de não trabalhar diretamente na linha da denúncia social, atualmente tem sido objeto de estudo de grandes críticos e teóricos brasileiros, que apontam sua produção como modelo de refinamento e requinte. Conforme as observações de Antonio Candido:

O gosto, ou pelo menos a tolerância pelo informe, o não-artístico (em relação aos padrões da tradição ou aos da vanguarda), levou por vezes a supervalorizar escritores que pareciam ter a virtude do espontâneo; e a não reconhecer devidamente certas obras de fatura requintada, mas desprovidas de ideologia ostensiva, como *Os ratos*, de Dionélio Machado, ou *O amanuense Belmiro*, de Ciro dos Anjos (CANDIDO, 2003, p. 198).

\* Mestre em Letras pela Universidade Federal Fluminense. Bolsista CNPQ. crikafg@hotmail.com

Na década de 30, as obras literárias de maior reconhecimento eram aquelas que abordavam as misérias sociais de determinadas regiões do país em tom de denúncia, mas que nem sempre traziam em sua constituição o requisito fundamental para a construção de um bom texto literário: a elaboração estética sofisticada. Ciro dos Anjos é um dos artistas que constituem a exceção nesta época em que há um certo desinteresse do público pela forma e uma supervalorização dos conteúdos relacionados às questões sociais.

Antes de iniciar seu trabalho como romancista, Ciro dos Anjos cursou a Faculdade de Direito em Belo Horizonte e trabalhou em diversos jornais como *Diário da Tarde*, *Diário do Comércio*, *Diário de Minas*, *A Tribuna*, ocupando primeiramente o cargo de repórter e posteriormente o de redator. Em sua atividade jornalística veio a conhecer escritores como Carlos Drummond de Andrade, Emílio Moura e João Alphonsus. Nesse período, iniciou a escrita de crônicas, que foram o germe para a constituição de seu primeiro romance *O Amanuense Belmiro*, publicado em 1937. Exerceu várias funções públicas ao longo de sua vida e chegou a ocupar o cargo de Subchefe do Gabinete Civil da Presidência da República em 1957. Foi professor de Estudos Brasileiros no México e em Portugal e assumiu a função de professor do Instituto de Letras da Universidade de Brasília. Todo esse percurso profissional atribuiu a Ciro dos Anjos um grande conhecimento sócio-cultural. Em sua carreira como escritor literário, publicou também os romances *Abdias* (1945) e *Montanha* (1956); o ensaio *A Criação Literária* (1954), publicado em Coimbra; um livro de memórias intitulado *Explorações do Tempo* (1963); além do livro *Poemas Coronários* (1965).

Em *O Amanuense Belmiro*, Ciro dos Anjos lida com os problemas do ser humano num tom profundamente penetrante, fazendo com que escritor e leitor se identifiquem. Não se trata de um romance que se imponha de fora para dentro, mas sim, que se insinua lentamente na

sensibilidade, identificando-se com a própria experiência do leitor (CANDIDO, 1945).

Ao longo do desenvolvimento deste trabalho, buscar-se-á resgatar trechos do romance que exponham a linha de pensamento pela qual se constitui a reflexão do autor acerca da arte e da sociedade.

## 1. CONFLITO INTERIOR *VERSUS* CONFORMISMO EXTERIOR EM *O AMANUENSE BELMIRO*

A década de 1930 representa um momento turbulento na sociedade brasileira. O desencanto provocado pela ineficácia das lutas ideológicas e o surgimento da Ditadura Fascista implantada pelo Estado Novo criam um clima de instabilidade social. Os ideais de mudança e transformação se espalham pelo país e colocam o escritor literário diante de vários impasses. A literatura passa a ser extremamente ideológica e a imaginação do escritor tende a ser reprimida pelo constante foco na realidade, visto que nesse período privilegia-se a literatura documental, ou seja, textos que captem o máximo da realidade social do país em detrimento de um trabalho estético mais elaborado. Silviano Santiago (2004) diz que, ao fazer intervir a análise marxista na compreensão do processo histórico brasileiro, o escritor dos anos de 1930 volta ao caminho percorrido por uma política universalista radical, no momento centrada no materialismo histórico. Recorre a essa análise tanto para avaliar o passado nacional como para avançar um ideário utópico que deve acabar com a injustiça econômica e social no país e no mundo. A produção artística passa a vir atrelada à crítica da estrutura econômica da sociedade. O intelectual passa a ser um espectador de seu próprio país e busca retratar as misérias de determinadas regiões vivenciadas pelas classes menos privilegiadas da população brasileira. Esse período é marcado também pela publicação de ensaios que tentam resgatar a história do

país através da discussão dos elementos de base da formação da nação brasileira, apontando as estruturas hierárquicas forjadas pelo período colonial e disseminadas ao longo dos regimes políticos que o sucederam.

Ao refletir sobre a função do intelectual na sociedade brasileira, Mário de Andrade, em seu artigo “Elegia de Abril”, tece uma crítica ferrenha com relação à posição de alguns intelectuais que se escoram na política e usam a literatura como meio de propaganda para defender bandeiras ideológicas. Para Andrade (1978), o intelectual deve estar sempre à margem para que tenha uma visão de dentro e de fora da sociedade. Ele não deve nunca ser um conformista, pelo contrário, deve ser livre, independente para discutir as questões sociais sem partidarismo. Deve defender a sua arte acima de tudo.

Nesse ambiente em que a influência dos “ismos” (Integralismo, Comunismo, Fascismo, Socialismo etc.) é constante na vida do intelectual, este se vê impelido a assumir uma visão de mundo que esteja de acordo com uma das correntes políticas existentes. Dentro desse panorama literário, Ciro dos Anjos publica seu romance *O Amanuense Belmiro* e se mostra muito corajoso ao trazer um personagem que não toma uma posição ideológica perante uma sociedade que exige a tomada de partido em uma época tão acalorada quanto a década de 30. O autor o faz de caso pensado, pois não acredita em tomada de posições em meio a momentos de tanta turbulência. A respeito de seu trabalho literário, Antonio Candido o classifica na categoria dos escritores estrategistas e tece elogios à completude artística apresentada pelo escritor mineiro em seu romance:

A impressão de acabamento, de segurança, de equilíbrio, de realização quase perfeita, revelam o artista profundamente consciente das técnicas e dos meios de seu ofício, possuidor de uma visão pessoal das coisas, lentamente cristalizada no decorrer de longos anos de meditação e estudo. Porque esse romance é o livro de um homem culto. No seu subsolo circulam reminiscências várias de leitura, ecos de Bergson, de Proust, de Amiel, de autores cuidadosamente lidos

ou harmoniosamente incorporados ao patrimônio mental. Por isso é que ele ressoa de modo tão diferente no nosso meio, com um som de coisa definitiva e necessária, nem sempre produzido pelas obras de nossos generosos táticos (CANDIDO, 1945, p.16).

De acordo com as observações de Candido, Ciro dos Anjos é um autor que não abre mão do trabalho estético em sua produção artística e, por ser um homem culto, possui uma visão profunda do ambiente que o cerca, sabendo expressá-la com beleza e arte em sua escrita. Como um mestre que conhece bem o seu ofício, o escritor mineiro aborda as questões vigentes na sociedade brasileira a partir de uma ótica bastante diferente da maioria dos escritores do período em questão. A obra de Ciro dos Anjos expõe, em sua síntese, uma visão crítica e profunda da década de 30: não são as soluções românticas, utópicas, que vão resolver os problemas vigentes no Brasil há tantos séculos.

A personagem central de seu romance, Belmiro, não acredita na eficácia dos regimes e, por isso, não se filia a doutrina alguma. Parece-lhe inútil a classificação dos homens em categorias: “Onde os outros vêem unidades mecânicas da massa, ou abstrações econômicas, eu vejo homens, criaturas que sentem e pensam” (ANJOS, 1979, p.53). Atento o bastante para perceber as contradições da vida e do ser humano, Belmiro rejeita as posturas radicais, porque essas lhe parecem despropositadas. Para ele, o bom senso se manifesta no meio termo vago e flexível, sujeito a interferências da aguçada sensibilidade. Belmiro não tem certezas vitalícias, ele não é um maniqueísta, pelo contrário, é contra os atos extremistas e busca sempre a conciliação.

Seu projeto de vida consiste em escrever um livro de memórias, mas descobre no decorrer dessa empreitada que o passado não tem o mesmo peso que o presente em sua escrita, fato que o leva a abandonar o projeto inicial e o inclina à escrita de um diário. A escrita inicia-se no Natal de 1934 e se estende por todo o ano de 1935. Este pode ser apontado como um ano

chave para o Brasil, marcado pela dissidência, em que o governo encontra resistência aos seus projetos, após o empenho e as expectativas implantadas com a Revolução de 30. Nesse mesmo ano, surge a ANL (Aliança Nacional Libertadora), que faz oposição ao governo de Getúlio Vargas. O romance começa com uma conversa entre amigos, sentados a uma mesa de bar. O universo do bar representa um espaço democrático marcado pela presença de estrangeiros, negros, proletários etc, compondo o quadro de mescla da sociedade brasileira da década de 30. É nesse espaço que a rede de amigos se dá a conhecer e a discussão filosófica se faz com veemência, dado o tom do romance.

A forma de escrita do diário é bastante inovadora nessa época. Através dela, a personagem passa as informações ao leitor de uma forma mais amena, trabalhando com mais intensidade o interior, o psicológico, a subjetividade, de maneira que as informações exteriores são apresentadas apenas como complemento. Em sua roda de amigos, Belmiro representa a figura do conciliador, tentando apaziguar as diferenças e suavizar o impacto da franqueza. Ele possui a vocação para discernir entre a palavra rude e a agradável, com diversas gradações entre os dois extremos. Por supervalorizar a forma com que se expressa uma ideia, acaba por hesitar em certos diálogos e até a arrepender-se em outros. Após a conversação, Belmiro se dedica a examinar incessantemente tudo o que foi dito, rememorando as gafes e expressões faciais, dissecando a estrutura de cada frase. A comunicação plena só ocorre através do diário. Tanto na família quanto no contato com os amigos ou com outros grupos sociais, predomina a atitude *gauche*. O amanuense apega-se ao diário como tábua de salvação, mas esse pode converter-se em morte, visto que comunicando-se apenas através do diário pode aniquilar-se como sujeito social. Nesse caso, o diário pode representar uma armadilha, levando a personagem a crer que é mais fácil estetizar a vida do que lidar com ela: “Este caderno, onde

alinho episódios, impressões, sentimentos e vagas idéias, tornou-se, a meus olhos, a própria vida, tanto se acha embebido de tudo o que de mim provém e constitui a parte mais íntima de minha substância” (Idem, p. 74). Para Belmiro, sua vivência se constitui da escrita, da reflexão, da imaginação e não da realização de seus desejos e expectativas. Ele encontra dificuldade em expor seus sentimentos para as outras pessoas, e o papel em branco torna-se o espaço ideal para o desabafo, para a confissão sem reservas. No entanto, essa atitude escritural leva-o ao afastamento da realidade e o coloca à margem da sociedade, posto que se resigna a escrever ao invés de atuar. Para o grupo de amigos, Belmiro não passa de um homem sem perspectivas, um conformista que se contenta em viver uma vida sem grandes emoções a fim de se manter longe do conflito. O fato, porém, é que Belmiro possui uma sensibilidade muito aguçada, uma alma de artista, e seus conflitos interiores são tantos, sua percepção da vida é tão refinada, que ele acaba por afastar-se das pessoas (sem a intenção de fazê-lo) por medo de ser incompreendido.

### 1.1. O CONFLITO INTERIOR

Já no capítulo inicial do livro, o autor lança no texto a discussão acerca da importância da reflexão no universo da obra. O ato de pensar aparece na narrativa como um fator conflitante: “Separamo-nos, no portão do Parque e, a caminho de casa, fui ruminando a tese de Silviano. Mas o chope me faz versátil, e minha atenção logo se desviou para outras coisas. A euforia que o chope traz! A vida se torna fácil, fácil” (Ibidem, p. 7). Em seu estado de sobriedade, Belmiro é um ser introspectivo, reflexivo e analítico. O gerúndio *ruminando* referido à tese aponta para uma das características mais marcantes da personalidade da personagem: Belmiro é um homem que diseca as palavras, as frases, os diálogos, em busca do desvendamento de significados implícitos, por meio

do discurso, ele tenta compreender o íntimo das pessoas e suas intenções. No entanto, o chope o deixa eufórico, descentraliza seu pensamento, fazendo com que a vida pareça “fácil”, o que pressupõe que a reflexão torna a vida muito mais complexa. O chope aparece no texto como elemento de fuga, instrumento alienador que impede Belmiro de uma formulação crítica a respeito das colocações de Silviano. Permeia todo o romance a ideia de que a reflexão constante gera inquietações profundas, tornando-se um obstáculo para o alcance da felicidade. O ser humano que enxerga a existência de uma forma mais simples e vê o mundo como um sistema coordenado por regras permanentes, não se aprofundando em questões filosóficas, tem maiores possibilidades de encontrar a paz interior e viver bem consigo mesmo. Belmiro, em seu estado natural de lucidez, definitivamente não faz parte desse grupo de pessoas. Já as personagens Emília e Florêncio, de diferentes maneiras, ilustram esse ponto de vista. A respeito de Florêncio, Belmiro diz: “Viva Florêncio, o homem sem abismos” (Ibidem, p.17), o ser humano sem conflitos, que não perde tempo refletindo sobre a vida ou buscando soluções para os problemas desta, vive apenas o dia presente sem se preocupar com o amanhã. Belmiro não é como Florêncio, Belmiro é oceânico, cheio de abismos interiores que o impedem de viver a realidade presente. O excesso de análise o paralisa; ele vive muito mais no plano da ilusão, do desejo, do que no plano da realização.

Apresentando-se ao leitor, através de uma rápida síntese de seu passado, Belmiro diz o seguinte:

como Borba fali. Na fazenda, na Vila, no curso (...) foi um crime gastar as vitaminas do tronco em serenatas e pagodes. Lá estava a fazenda, grande, poderosa como um estabelecimento público, com suas lavouras à espera de cuidados moços. Sinto muito avós. Eu não podia ouvir uma sanfona. Tocavam a Varsoviana e eu me dissolvia (...) Abandonei, porém, as letras agrícolas e entreguei-me a outra sorte de letras, nada rendosas. Pus-me a andar na companhia de literatos e a sofrer imaginárias inquietações. Tive amores infelizes, fiz sonetos (Ibidem, p. 10-11).

Os literatos aqui não são descritos como homens comprometidos com a realidade social, mas sim como homens entregues aos seus conflitos interiores imaginários, dotados de um lirismo que os impossibilita de viver a vida de forma prática e objetiva. A falência, o fracasso de Belmiro na vida profissional aparece no texto como consequência de sua veia lírica, visto que ele se enquadra perfeitamente no protótipo de romântico sonhador. Seus amores são impossíveis e se repetem no decorrer de sua vida, o passado se apresenta como arquétipo do que se processa no presente: Carmélia (seu amor idealizado no presente) surge como uma forma de evocação de Camila (namorada do passado) ou mesmo do mito de Arabela que o acompanha desde a infância, pois o amor é vivido pela personagem sempre por meio da fantasia. Essa postura do amanuense, vinculada ao mito romântico, é anacrônica em 1930, já que se trata de um período no qual se exige atitude do escritor e não se espera que esse seja um gênio romântico. A relação de Belmiro com a literatura é bastante significativa e seu desejo de escrever um livro mostra-se constante e persistente:

É plano antigo o de organizar apontamentos para umas memórias que não sei se publicarei algum dia (...) Sim, vago leitor, sinto-me grávido, ao cabo, não de nove meses, mas de trinta e oito anos. E isso é razão suficiente (...) O melhor seria vivermos sem livros, mas o homem não é dono do seu ventre, e esta noite insone de Natal (as sinistras noites de insônia, responsáveis por tanta literatura reles!) traz-me um desejo irreprimível de reencetar a tarefa cem vezes iniciada e outras tantas abandonada (Ibidem, p.14).

A personagem acredita que “o melhor seria vivermos sem livros”, pelo fato de que esses incitam o pensamento e a reflexão. Viver sem eles significaria viver sem complexidade, sem atitude crítica, o que o amanuense julga ser o melhor, contudo, ele se sente dotado de uma força interior, de um “desejo irreprimível” que o impulsiona à reflexão como ocorre com tantos outros seres dotados de sensibilidade e lirismo. Conforme seu argumento, “o homem não é dono do seu ventre”, daí a existência de

tantos livros. Nesse trecho, o projeto de elaboração do livro aparece como uma escrita gestada, o que remete à discussão a respeito da dificuldade de escrever e da vocação do escritor. Sem dúvidas, há implicações externas, mas são as questões internas as principais responsáveis pelas produções literárias. Belmiro precisa escrever para dar vazão ao seu mundo interior e buscar um entendimento da vida e de si próprio, por isso, ele escreve um livro que nem sabe se um dia será publicado. A publicação vem em segundo plano, seu propósito principal é buscar a compreensão de si mesmo e do mundo que o cerca. Por esse motivo, decide dedicar-se aos problemas eternos: “Problemas eternos! A razão talvez esteja com Silviano. Não vale a pena pensar nas dificuldades da vida. Dedicar-te aos eternos problemas, Belmiro!” (Ibidem, p.78). Apesar de encontrar-se numa fase difícil da vida, em que enfrenta problemas com a falta de dinheiro, a doença de sua irmã Emília e a internação de sua outra irmã, Francisquinha, Belmiro decide deixar de lado esses problemas do cotidiano para dedicar-se aos problemas eternos, relacionados com a vida interior, com o amor, com as filosofias acerca da própria existência humana e não com questões relacionadas ao terreno, ao prático, aos problemas de um ser social que tem direitos a reclamar e deveres a cumprir. Esse discurso de Belmiro é contrário ao discurso presente na maioria dos romances da década de 30, os quais privilegiam retratar problemas sociais comuns à coletividade em detrimento de questões interiores do indivíduo:

Quem quiser que fale mal da literatura. Quanto a mim, direi que devo a ela minha salvação. Venho da rua oprimido, escrevo dez linhas, torno-me olímpico (...). Em verdade vos digo: o que escreve neste caderno não é o homem fraco que entrou no escritório. É um homem poderoso, que espia para dentro, sorri e diz: ‘ora bolas’ (Ibidem, p. 161).

Para Belmiro, a literatura representa ânimo, vida, salvação. Somente por meio da escrita ele se sente capaz de lidar com seus conflitos interiores. A reflexão através da

escrita o ajuda a compreender melhor os seus sofrimentos e ter uma atitude mais suave diante de suas angústias, daí resulta sua atitude irônica e lírica perante seus fracassos, dado que, no momento da escrita, o sujeito fragmenta-se num outro para, então, analisá-lo à distância. Para o amanuense, a escrita é apaziguadora; por intermédio dela, ele faz análises profundas e emerge dela já pacificado, com suas inquietações internas domadas.

## 1.2. O CONFORMISMO EXTERIOR

A atitude romântica de Belmiro diante dos problemas e circunstâncias que a vida lhe impõe leva-o a uma posição de aparente conformidade. Havendo fracassado tanto na tentativa de tornar-se fazendeiro, segundo a vontade de seu pai, quanto no propósito de formar-se bacharel, de acordo com o desejo de sua mãe, devido aos devaneios românticos e aos atos impensados de sua mocidade, o narrador-personagem aceita a interseção de seu pai junto a um político influente a fim de conseguir-lhe um emprego que lhe permita suprir as necessidades básicas do dia-a-dia. Conforme afirma, “mais tarde um deputado me introduziu na burocracia” (Ibidem, p. 11). Belmiro só conseguiu um emprego público em razão do sistema de favoritismo tão vigente no Brasil há séculos. A respeito da posição social e empregatícia nas quais Belmiro se encontra, Roberto Schwarz diz o seguinte: “Pequeno burocrata, Belmiro é vítima e beneficiado a um tempo, de modo que sua gratidão deve ser melancólica, a sua crítica amena e sua posição incerta” (SCHWARZ, 1978, p. 20). Se por um lado Belmiro foi favorecido com um cargo público, por outro tornou-se um integrante do sistema, sendo-lhe vetada, assim, a crítica exaltada. Isso explica de certa forma sua atitude amena, indiferente perante as ideologias sociais vigentes na sociedade da época. Em certa medida, essa posição também justifica sua descrença nessas ideologias, pois foi favorecido por um esquema de privilégios, esquema este que não faz parte do programa ideológico

anunciado por governo algum e que ainda assim continua em voga no Brasil, como tantos outros esquemas de conchavo que a sociedade acolhe com naturalidade. Com relação às posições político-ideológicas de seu círculo de amizade, o amanuense comenta: “Enquanto Glicério e Silviano se inclinam para o fascismo, Redelvim e Jandira tendem para a esquerda. Só eu e Florêncio ficamos calados, à margem” (ANJOS, 1979, p. 33). Por não assumirem uma postura crítica com relação à situação do país, Florêncio e Belmiro se tornam seres marginais até mesmo na roda de amigos. Essa posição marginal de Belmiro se deve tanto à sua veia de observador, que, com um olhar analítico, tenta enxergar o interior das pessoas por detrás das palavras exaltadas e não se coloca dentro da discussão, quanto pelo fato de estar em grande parte do tempo absorto em suas questões interiores, nos mitos, nas artes. A decisão do amanuense de permanecer à margem é interpretada pelos outros seres sociais como uma atitude passiva e conformista perante o mundo. A melhor amiga de Belmiro descreve-o com um adjetivo que expressa bem a visão dos outros em relação ao amanuense:

Relendo a página escrita ontem, volto a remoer o adjetivo analgésico, com que Jandira me brindou. Ela o emprega com o sentido de sedativo, no seu calão (...) Quanto ao que pensam de mim os velhos companheiros, Redelvim e Silviano o exprimiram: para o primeiro, serei um céptico pequeno burguês que, não por ação, mas por omissão, serve o sistema capitalista; para o segundo, sou um homem fraco, que não tem senso de hierarquia e tende para um igualitarismo dissolvente (Idem, p. 36).

As pessoas veem Belmiro como um homem conformista, acomodado com o que lhe é posto e com uma visão superficial da sociedade, as observações que os amigos fazem a seu respeito aludem a essa imagem. Jandira o intitula “analgésico”, ou seja, aquele de espírito dormente, que atua como calmante, evitando a todo custo qualquer tipo de conflito, um ser passivo diante das circunstâncias que a vida lhe impõe. Perdido em

seus devaneios Belmiro não assume a menor representatividade perante a sociedade. Exteriormente, apresenta-se como um homem sem ideais, entregue ao curso natural da vida.

Se na vida social Belmiro é visto como um ser omissivo, em seu diário expõe seus pontos de vista e desenvolve reflexões profundas a respeito da atitude das pessoas e da posição em que se colocam diante da sociedade. Seus apontamentos são bastante lúcidos e coerentes. No entanto, quando se trata de analisar a si próprio, Belmiro parte de uma visão derrotista, remoendo pensamentos negativos, encaminhando-se sempre para a comprovação de que não há possibilidade de transformação em sua vida pacata e, em certo grau, estéril. Com respeito ao campo sentimental, o amanuense expõe: “Lembra-te, Belmiro, de que essas bodas são impossíveis (...) Carmélia é fina, jovem, rica. É da alta, como diz Glicério (...) É inútil que faças projetos” (Ibidem, p.38). Belmiro vê a diferença social, cultural e econômica como uma muralha intransponível para a realização desse amor. Em seu ponto de vista, seu amor por Carmélia representa algo impossível, acredita ser inútil qualquer esforço para conquistar a moça, porém, não desiste de amá-la e continua a alimentar esse sentimento que, segundo ele, está destinado ao fracasso e à desilusão. O fato de continuar alimentando essa paixão não realizável demonstra ser ele um homem sem ambições, já que prefere viver de ilusões a lutar por realizações. Por outro lado, de certa forma, essa atitude é também poética: Belmiro prefere viver da ilusão de amar a ter que se defrontar com a dor de ser rejeitado por esse amor não correspondido. Com relação ao cargo que ocupa no emprego público, afirma:

Passei o dia todo a escrever no papel: Arabela Borba. Carmélia Miranda Borba. Carmélia Borba. Tolices. Não sei até onde irá esta fantasia de amanuense ocioso. No fundo, a culpa é da Seção de Fomento, que não fomenta coisa alguma senão o meu lirismo (Ibidem, p.44).

Belmiro diz que seu trabalho é medíocre, contudo, apesar de não ver no cargo que ocupa um espaço de produtividade e desenvolvimento intelectual, não ambiciona nenhuma mudança, não almeja nenhum outro cargo, contenta-se com o ócio e o pequeno ordenado que isso lhe proporciona. Ele afirma que a culpa pelo estado de ociosidade em que se encontra é da Seção de Fomento, mas o fato é que ele se encaixa perfeitamente nessa estrutura, ao invés de tentar impor um ritmo diferente à seção; como em todos os setores da vida, o amanuense se adapta. No fundo, Belmiro não está satisfeito com a vida que leva, todavia, não encontra forças que o impulsionem a romper com esse cotidiano repetitivo e previsível:

Pouco antes de sairmos o jovem bacharel voltou à minha mesa para dizer que, um dia destes, abandonará a Seção. O Senador Furquim lhe obteve uma comissão no gabinete do Advogado Geral do Estado (...). Sua retirada dá-me uma sensação de desamparo. Já não terei com quem conversar na Seção. E, ao escrever estas notas, penso também em outra coisa: os outros se movimentam, rompem, progridem, mas, enfim, se deslocam. Só eu resto e envelheço nesta vida modorrenta (Ibidem, p.170-171).

Belmiro reflete acerca de sua situação e constata sua imobilidade social, sua atitude estática diante da vida, porém, tal constatação só lhe provoca tristeza e melancolia, pelo fato de que não passa de uma simples constatação, desprovida de qualquer atitude ou mesmo intenção de mudança. O presente é problemático e por essa razão o amanuense não consegue se colocar no presente. Enquanto analisa o sofrimento, não vive, mas busca transformar a vida em literatura. Ele busca a literatura como salvação, mas essa não pode salvá-lo; busca apegar-se a uma escrita no presente, mas esse é momentâneo e não pode ser retido nem perpetuado, por isso, Belmiro vive num entre-lugar, sem conseguir resolver suas questões, visto que tenta fazê-lo no presente e esse é transitório, não dando ao indivíduo essa possibilidade. O presente é repleto de armadilhas e pode a qualquer momento surpreender o indivíduo.

O romance termina com uma indagação: “-Que faremos, Carolino amigo?” (Ibidem, p. 187). Esta dúvida que encerra a narrativa atenta para o fato de que naquele momento não havia soluções imediatas para os problemas da sociedade brasileira e, por esse motivo, os autores da época em questão buscam refletir acerca dos impasses e conflitos sociais sem, no entanto, apresentar respostas ou soluções para tais problemáticas. Essa observação aponta também para o ponto de vista do autor que deixa claro o quanto é melancólica e redutora a vida daqueles que se debruçam sobre si mesmos, fugindo à vida.

### CONSIDERAÇÕES FINAIS

Embora em seu romance *Ciro dos Anjos* não busque trabalhar ostensivamente as ideologias vigentes na sociedade brasileira, elas aparecem em segundo plano, permeando toda a obra, dado que seus personagens representam tipos sociais muito comuns do quadro cultural da época. Belmiro representa a figura do burocrata lírico, Silviano a do filósofo conservador, Redelvím espelha a imagem do sujeito revolucionário comunista de ideias inovadoras, Jandira ocupa a posição da mulher feminista de ideias socialistas, Carmélia a da jovem burguesa que é educada para ocupar o lugar da esposa ideal, dama da sociedade. As questões sociais figuram em sua obra como elemento de reflexão da personagem central, Belmiro, que se encontra entre o ceticismo analítico e o lirismo romântico. Sua ótica vacila entre o espírito bem humorado, irônico, e o espírito melancólico. Assim, a narrativa que aparentemente busca retratar alguns fragmentos da vida social e os conflitos interiores de um homem comum (sujeito que se coloca no mundo sem causar grandes transformações ou alcançar conquistas notáveis), embebido de um espírito lírico, romântico e sonhador, dotado de um olhar analítico que o paralisa, abriga em seu interior a visão de um escritor que compreende muito bem a função da literatura na sociedade e

tece críticas a respeito de certos pontos de vista imediatistas que não passam de posturas românticas diante dos problemas da sociedade brasileira na década de 30.

Ao criar a personagem Belmiro, Ciro dos Anjos discute a relação existente entre a sociedade e o intelectual do período em questão, ressaltando que, independente das pressões que o escritor possa sofrer, esse deve manter-se sempre fiel à sua arte e escrever com consciência sem abrir mão do valor artístico de sua obra. Tratar de temas intimistas não significa alienar-se; não tomar partido ideológico na escrita não representa não refletir na situação social do país, significa apenas fazer valer a liberdade criativa, não podendo a imaginação e a experimentação estética em razão de uma tendência literária (realista-documental).

Sem dúvida existem muitos pontos relevantes a serem destacados acerca do trabalho criativo e estético presentes na obra de Ciro dos Anjos, todavia, a brevidade desta produção não cede espaço para tal abrangência, restringindo-se apenas à discussão de alguns elementos primordiais para o desenvolvimento deste trabalho.

## THE SPEECH OF REFLECTION IN “O AMANUENSE BELMIRO”

### Abstract

The aim of this research is a possible interpretative analysis related to the literary work entitled *O Amanuense Belmiro*, published in 1937, by Ciro dos Anjos, a Brazilian writer born in Minas Gerais. The main purpose of this study is to verify the way the author introduces the aspect related to the Brazilian society of 1930 in the fiction, and also how his work critically emphasizes the reflection as an important element in a period when the local society searches immediate utopian solutions.

Key words: Reflection. Society. Thirties.

## REFERÊNCIAS

- ANDRADE, Mário de. “Elegia de Abril”, In: *Aspectos da Literatura Brasileira*. 6. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1978.
- ANJOS, Ciro dos. *O Amanuense Belmiro*. 9. ed. Rio de Janeiro: José Olympio (1.ed., 1937), 1979.
- BUENO, Luís. *Uma História do Romance de 30*. São Paulo: EDUSP, 2006.
- CANDIDO, Antonio. (1945), *Brigada Ligeira*. São Paulo: Martins Fontes, 1945.
- CANDIDO, Antonio. *A educação pela noite e outros ensaios*. 3. ed. São Paulo: Editora Ática, 2003.
- LAFETÁ, João Luiz. *1930: a crítica e o modernismo*. São Paulo: Duas Cidades, 1974.
- LIMA, Luiz Costa. *A Aguarrás do Tempo: Estudos sobre a narrativa*. Rio de Janeiro: Editora Rocco, 1989.
- MICELLI, Sérgio. *Intelectuais e classe dirigente no Brasil (1920-1945)*. São Paulo: Difel, 1979.
- SANTIAGO, Silvano. *O Cosmopolitismo do Pobre*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2004.
- SCHWARZ, Roberto. “Sobre o Amanuense Belmiro”, In: *O Pai de Família e outros estudos*. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1978.

Enviado em 06 de junho de 2008

Aprovado em 02 de setembro de 2008

